

# A grande viagem

Uma história que mostra que a vida não se aprende de uma vez por todas mas se faz e se pensa instante a instante

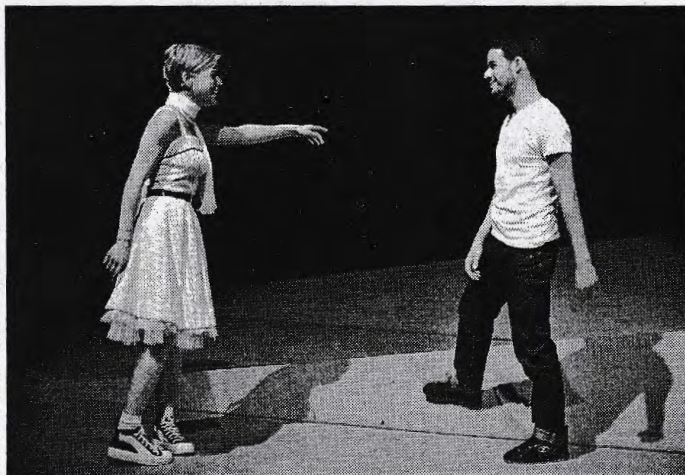
**INTER-RAIL**  
de Abel Neves

Comuna

**I**NÊS e Maio são jovens, e fazem parte de um grupo em que há Marta, Leonel, Guida, Bruno, Matos; em que há Deolinda, mãe de Maio, e Paulo, pai de Inês; em que há um sem-abrigo e um José Albano. Porquê esta lista de personagens, forma insípida de começar um texto? Porque a peça representa um universo de gente que tenta encontrar-se, relacionar-se, de uma das maneiras mais canónicas que a nossa sociedade conhece — aos pares. Porque essa forma de relacionamento permite um sem número de variações de nos levam a falar de normas e de desvios, de fórmulas gastas e de reformulações; porque relacionarmos assim é difícil.

Inês e Maio são o par central. Encontram-se, amam-se, julgam amar-se; um é infiel, outro tem ciúmes; o terceiro elemento complica

António Pedro Ferreira



Cena de «Inter-Rail», na Comuna

as coisas, e ao terceiro junta-se um quarto. Inês discute com o pai, Maio sofre porque o seu desapareceu, talvez em Timor, talvez na Austrália. Existe, em *Inter-Rail*, uma história de amor, central, e outras acessórias, que com ela parcialmente se cruzam; existem impedimentos de ordem pessoal e so-

cial; existe uma tentativa de desfecho feliz, uma procura de soluções, e uma aprendizagem: como viver. Não se aprende de uma vez por todas, aprende-se que a vida se faz e se pensa instante a instante. O que existe em *Inter-Rail* existe em Corneille, em Shakespeare, em Marivaux, em muitos outros — se

pensarmos só nas histórias. É um lugar comum fazer este tipo de apreciações, mas é o lugar-comum que, se banaliza a peça, lhe confere um alcance generalizante. É da vida de uma juventude de média burguesia que aqui se fala e, assim, dos seus pais e da sociedade em que essa juventude está.

*Inter-Rail*, como o nome indica, é uma peça percorrida pela metáfora da viagem, a viagem que os jovens querem fazer a Norvik para ver o sol da meia noite, e que percorre, de alguma forma, o universo de desejos de todas as personagens. Trata-se de um desejo real, concreto, mas trata-se, principalmente, de uma necessidade de percorrer as etapas necessárias à compreensão do mundo e do outro.

Álvaro Correia prossegue, com esta encenação, uma temática já enunciada com *O Voo das Borboletas*. Num cenário, de Luís Santos, suficientemente abstracto para ser sala, supermercado e praia, mas algo anguloso para sugerir as dunas, transporta para os espectáculo as características fundamentais da peça de Abel Neves — a

banalidade das situações e a sua capacidade de generalização e abertura, capazes de permitir que nele se reconheça um número grande de espectadores. Contudo, a convencionalidade da encenação e da representação, se naturalizam e, de certa forma, tornam acessível o espectáculo, arriscam-se a tornar-se algo excessivas, assim como a duração do mesmo. É gratificante ver um grupo de jovens trabalhar com real talento e empenho — Margarida Cardeal, mas também Hugo Sequeira ou Isabel Abreu, Miguel Sermão ou Manuela Couto, Joana Seixas, Joana Brandão, Carlos Oliveira ou João Tempera, bem como os menos jovens Alfredo Brissos e Vítor Soares. Mas uma maior estilização geral pode começar a intervir nos espectáculos deste encenador. E não é necessário recorrer à *Flauta Mágica* para reforçar a dimensão poética da peça: a representação do simples real das personagens dispensa tais incursões, que mais enfraquecem do que enriquecem o objecto em questão.

JOÃO CARNEIRO